

Cadernos do Trabalhador e Que história e essa?: análise das publicações do Grupo de Educação Popular (GEP-Urplan) a serviço da memória das lutas populares ¹

Rozinaldo Antonio MIANI ²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

As lutas populares no Brasil têm sido marcadas pelo protagonismo de múltiplos coletivos e atores sociais. Nesse contexto, torna-se fundamental os registros testemunhais dos respectivos militantes para que, sistematizados, sirvam como subsídio para a realização de um processo de formação política e também para a construção da história e da memória da luta dos trabalhadores. É nesse sentido que as publicações *Cadernos do Trabalhador e Que história e essa?* - produções do Grupo de Educação Popular (GEP-Urplan) - atuaram no contexto das lutas populares no período da abertura política no Brasil. Com o propósito de apresentar suas principais características e de analisar a concepção político-editorial de cada uma das referidas publicações, este artigo oferece importantes contribuições para reafirmar a necessidade de intensificar a construção da memória das lutas populares.

PALAVRAS-CHAVE: Publicações populares. Cadernos do Trabalhador. Que história é essa?. Lutas populares. Memória.

1. Introdução

A partir do golpe militar em 1964 no Brasil, as organizações sociais e políticas do campo progressista, democrático e popular foram perseguidas e desestruturadas de modo incontestável; muitas delas, inclusive, foram completamente destruídas pelas forças repressoras da ditadura civil-militar (1964-1985), que promoviam práticas de torturas e até de assassinato de militantes contrários e resistentes aos rumos determinados pelos governos militares ³.

Apesar de ainda estar sob as rígidas diretrizes de uma ditadura, a partir de 1974 com o processo de “abertura política” - impulsionado pelo governo Geisel (1974-1979) -

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Rozinaldo Antonio Miani - Graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - e História. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA/USP (Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UEL/PR. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (NCP/CNPq). E-mail: rmiani@uel.br.

³ Parte importante dos documentos comprobatórios dessas práticas foi identificada, organizada e publicizada pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que funcionou entre os anos de 2011 e 2014.

é possível considerar que houve um arrefecimento de determinadas situações políticas que possibilitaram uma maior atuação política das forças democráticas e populares. Nada que suplantasse por completo as práticas repressivas até então praticadas, mas que permitiram, gradativamente, alguns processos de (re)organização e de mobilização por parte das classes trabalhadoras.

No contexto da abertura política (LAMOUNIER, 1981; STEPAN, 1986; SALLUM JR., 1994), as lutas populares no Brasil passaram a ser marcadas pela atuação de diferentes coletivos e atores sociais que revigoraram a luta de classes e os processos de disputa de hegemonias na sociedade brasileira. A emergência de novos personagens (SADER, 1988) e de novas formas e experiências organizativas tensionaram a conjuntura social e política brasileira da época e contribuíram decisivamente para a retomada das lutas populares.

Algumas importantes iniciativas foram gestadas a partir de núcleos acadêmicos ou pela atuação de intelectuais que se articulavam em torno de algumas bandeiras ou temáticas específicas (PERRUSO, 2008). Dentre essas iniciativas, destacamos o Instituto de Planejamento Regional e Urbano (Urplan), organização ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) que desenvolvia estudos e pesquisas relacionados à problemática das políticas sociais. Como um de seus desdobramentos organizativos surgiu o Grupo de Educação Popular (GEP-Urplan) que desenvolveu duas experiências comunicativas de grande importância e que serão os principais objetos de estudo aqui analisados; trata-se da série *Cadernos do Trabalhador* e da publicação *Que história é essa?*.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar as principais características das referidas publicações e analisar a concepção político-editorial de cada uma delas. Para tanto, inicialmente, faremos breves considerações sobre a organização produtora das publicações para, na sequência, apresentar e analisar as experiências comunicativas do GEP-Urplan.

2. GEP-Urplan: pesquisa e assessoria aos movimentos populares

A retomada das lutas populares a partir da abertura política no Brasil contou, de modo decisivo, com a atuação de organizações de apoio e de assessoria aos movimentos sociais. Seja na função de mediação na busca por financiamento junto a organizações

internacionais de solidariedade e apoio ou pela atuação militante de seus integrantes nos processos de organização de base e/ou de formação política destinada às lideranças e dirigentes dos movimentos populares, essas organizações proporcionaram contribuições valiosas para a retomada ou o fortalecimento das lutas contra a ditadura civil-militar e em defesa da democracia.

Essas entidades e organizações de apoio e de assessoria corresponderam a uma preliminar do que viriam a representar algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs) para os movimentos, coletivos e organizações sociais nos tempos atuais - guardadas as devidas proporções, principalmente, em termos políticos e ideológicos. Dentre essas organizações, algumas derivaram de núcleos acadêmicos ou da articulação de intelectuais comprometidos com as lutas sociais e, nesse contexto, destacamos a experiência do Grupo de Educação Popular do Instituto de Planejamento Regional e Urbano (GEP-Urplan), ligado à PUC/SP. De acordo com Marco Antonio Perruso (2008, p.140):

O URPLAN era o Instituto de Planejamento Regional e Urbano, vinculado a PUC/SP. Ele foi criado ao final da primeira metade da década de 70 por professores como o já citado Luiz Eduardo Wanderley e o arquiteto e urbanista Cândido Malta Campos Filho (da USP), entre outros intelectuais engajados, muitos oriundos da JEC (Juventude Estudantil Católica). [...] Apesar da ligação com a PUC/SP, o URPLAN parecia ter uma grande autonomia, a ponto de um de seus membros, Silvio Caccia Bava, defini-lo como uma espécie de ONG que era também um centro de pesquisas voltado para as problemáticas dos movimentos sociais e das políticas públicas.

Ainda segundo o referido autor, dentre os objetivos do Urplan estavam a realização de pesquisas e estudos voltados para a problemática das políticas públicas, bem como a prestação de assessoria aos movimentos populares, principalmente, destinado à formação política. Dentre as atividades formativas, Perruso (2008, p.140) destaca “atividades de extensão como cursos de especialização, ministrados entre 1974 e 1980, com diversos temas: ‘Desenvolvimento Urbano e Mudança Social’, ‘Movimentos Sociais Urbanos e Urbanização’, ‘Planejamento Urbano’, ‘Participação Popular’, etc.”.

Um dos desdobramentos mais significativos do Urplan em relação ao apoio aos movimentos sociais e populares foi a criação, em 1978, do Grupo de Educação Popular (GEP-Urplan) que passou a desenvolver, de modo ainda mais intenso, projetos de pesquisa participativa e de assessoria a grupos operários.

Para Silvia Maria Manfredi (2009), uma das fundadoras do GEP-Urplan, a principal referência política e metodológica para a realização das atividades do referido grupo era a matriz pedagógica freireana. Ratificando tal perspectiva, a autora nos apresenta uma excelente síntese do objetivo do Grupo de Educação Popular do Urplan:

[...] criar novas estratégias metodológicas para o registro das falas, saberes e experiências de resistência que estavam sendo gestados nos movimentos popular e sindical daquele período. O envolvimento e a aproximação com os “saberes e práticas de resistência” nos colocou diante da necessidade de divulgá-lo e restituí-lo aos seus protagonistas. Daí o desafio de repensar, partindo das matrizes pedagógicas de Freire, estratégias metodológicas para atuar em práticas educativas, reconstruindo e refazendo os elos entre o conhecimento popular e o conhecimento sistematizado. Atentos e desafiados pelas necessidades de educação popular do momento em que vivíamos, reaprendemos e recriamos a proposta metodológica para utilizá-la com os grupos de trabalhadores, testando-a em sindicatos, grupos de oposição sindical e, mais tarde, em programas de formação de formadores para a educação sindical, junto ao Dieese, escolas e departamentos de formação de entidades sindicais. (MANFREDI, 2009, p.142-143).

Como sistematização e disseminação do trabalho de registro de experiências populares realizado pelo GEP-Urplan, algumas séries de publicações populares foram produzidas. Nesse contexto, Perruso (2008, p.141) apresenta e situa uma das experiências comunicativas que serão aqui analisadas:

Um bom exemplo dos trabalhos realizados pelo GEP-URPLAN era a série Cadernos do Trabalhador, editada a partir de 1980. Os primeiros Cadernos foram os seguintes: “41 Dias de Resistência e Luta (uma análise da greve por quem dela participou)”, nº 1; “Forjando o Aço, Forjando a Luta (Grupo de Fábrica)”, nº 2; “A Força que Nasce de Nós (a luta nos bairros vista por quem dela participa)”, nº 3; “Nas Raízes da Democracia Operária (a história da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo)”, nº 4; e “Repressão nas Fábricas: cala a boca, peão”, nº 5.

A partir dessas considerações sobre os objetivos e as ações desenvolvidas pelo Urplan e pelo Grupo de Educação Popular (GEP-Urplan) passaremos a apresentar e analisar duas das principais experiências comunicativas resultantes do trabalho desenvolvido pelos seus pesquisadores e intelectuais.

3. *Cadernos do Trabalhador*: uma série (de depoimentos) sobre as lutas populares

O método, hoje muito valorizado, de registro oral de sujeitos e coletivos sociais protagonistas das lutas populares não é uma prática apenas dos tempos atuais. A experiência do GEP-Urplan é uma prova disso e, dentre outras contribuições, resultou na produção de uma série de cadernos populares que se tornaram o registro da memória viva de organizações e de militantes que lutaram contra as adversidades impostas por uma sociedade marcada pela falta de democracia e por desigualdades sociais gritantes. A série *Cadernos do Trabalhador* (figura 1) traz um conjunto de cartilhas populares que registram a memória dessas organizações e movimentos populares pelo relato de seus próprios protagonistas ou contam essas histórias a partir de suas narrativas.

Figura 1 - Cadernos do Trabalhador



Fonte: Disponível em: <http://forumeja.org.br/book/export/html/2976>

Na apresentação do primeiro caderno, os organizadores explicitam os principais propósitos com a série *Cadernos do Trabalhador*, bem como a concepção metodológica que iria prevalecer na produção da referida experiência comunicativa:

Este é o primeiro de uma série de cadernos que serão preparados a partir de debates e discussões com trabalhadores, elaborados de tal forma que os próprios participantes de movimentos e lutas sejam seus verdadeiros autores. [...] A intenção básica da realização desta série de cadernos é a de, numa linguagem simples e direta capaz de atingir um número bastante grande de pessoas, colaborar para a mobilização e reforço da capacidade de ação e organização dos trabalhadores. (GEP-URPLAN, 1980a, p.6).

O primeiro caderno, intitulado *41 dias de resistência e luta: uma análise da greve por quem dela participou*, foi publicado no segundo semestre de 1980 e contou com 50 páginas em formato de livro de bolso (formato de todos os cadernos da série). Esse caderno foi resultado da sistematização de uma série de debates realizados durante o mês de julho de 1980 que contou com a participação de cerca de cinquenta trabalhadores metalúrgicos que tiveram atuação destacada durante a greve ocorrida entre os dias 31 de março e 11 de maio daquele ano, conduzida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema⁴. Os debates foram realizados na sede do *ABCD Jornal*, veículo de propriedade da ABCD Sociedade Cultural, que também participou da edição do respectivo caderno.

Vale destacar que o prefácio foi escrito por Luis Inácio da Silva (Lula), à época presidente do referido sindicato. Em seu texto, Lula enalteceu a importância política da greve e afirmou o valor que aquele caderno poderia representar para o processo formativo da categoria: “Este caderno é uma das coisas que podemos usar para discutir com os companheiros os erros e acertos de nossa greve, lembrando sempre que a continuidade de nossa luta depende de nossa própria capacidade de nos mantermos unidos e organizados.” (SILVA, 1980a, p.7).

O segundo caderno da série foi publicado em dezembro de 1980 a partir de depoimentos de trabalhadores metalúrgicos da região de Osasco colhidos durante o primeiro semestre de 1980. Sob o título *Forjando o aço forjando a luta*, o caderno teve 50 páginas e também contou com o apoio editorial da ABCD Sociedade Cultural.

⁴ O início da greve também contou a participação de sindicatos de outras regiões: Santo André, Taubaté, Sorocaba e Jundiaí. Porém, gradativamente, essas categorias foram retomando as atividades, tendo permanecido durante os 41 dias de greve apenas o Sindicato de São Bernardo do Campo e Diadema.

Com o principal propósito de socializar as experiências da luta cotidiana dos trabalhadores metalúrgicos da região de Osasco e servir de subsídio para promover debates sobre a importância dos grupos de fábrica e para apresentar alternativas com vistas a superar as dificuldades no processo de organização de base, este caderno foi fruto de um trabalho conjunto desde a proposição do tema até o planejamento e a organização das informações selecionadas e publicadas.

Um destaque a ser registrado é que nas duas primeiras edições dos *Cadernos do Trabalhador*, a última página foi reservada para a publicação de um questionário para ser respondido pelos leitores. Além de buscar obter uma avaliação geral da estrutura do próprio material comunicativo, bem como do tema, das discussões e das análises apresentadas, o questionário abria espaço para a indicação e sugestões de temas que poderiam ser tratados em edições futuras.

O terceiro caderno publicado pelo Grupo de Educação Popular do Urplan (a partir dessa edição, todo o processo de edição ficou sob a responsabilidade do GEP-Urplan) trouxe como tema a luta dos movimentos de bairro sob o título *A força que nasce de nós: a luta nos bairros vista por quem nela participa*. O caderno teve 70 páginas e foi publicado em janeiro de 1982. O texto foi elaborado a partir dos relatos e depoimentos de trabalhadores e moradores das periferias das cidades de São Paulo e de Campinas, colhidos durante o ano de 1981 no contexto das lutas populares.

No prefácio dessa edição do *Cadernos do Trabalhador*, Ana Dias⁵ e Cenerino Evangelista de Andrade reafirmaram a importância da socialização de experiências como estratégia de aprendizado e de fortalecimento das lutas populares. Afirmam os referidos militantes de movimentos populares:

A luta é a nossa melhor escola, porque é através dela que nós aprendemos a discutir, a nos organizar para encontrar soluções aos nossos problemas. Mas, também, é verdade que podemos aprender muito lendo e discutindo as experiências que nossos companheiros já percorreram algum caminho vencendo obstáculos. As lutas narradas neste caderno mostram que já conseguimos algumas vitórias importantes. [...] Através das nossas lutas e da consciência que vamos construindo é que reunimos forças e coragem para continuar na briga. Sabemos que essas pequenas vitórias nos dão força e são um passo

⁵ Companheira e viúva de Santo Dias da Silva - operário metalúrgico e militante da Pastoral Operária - que foi assassinado em São Paulo pelas forças repressivas dos governos ditatoriais, em 30 de outubro de 1979, quando participava de greve por melhores condições de vida.

para construirmos a organização e a união dos trabalhadores para vitórias maiores. (DIAS; ANDRADE, 1982a, p.4-5).

Para o quarto volume da série *Cadernos do Trabalhador*, o tema foi a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP)⁶. Com o título *Nas raízes da democracia operária: a história da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo*, o caderno foi publicado em maio de 1982 e teve 74 páginas; trata-se de um dos mais significativos cadernos da série, tendo sido, inclusive, fonte primária para a realização de inúmeros trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Da mesma forma como ocorreu em volumes anteriores, no prefácio do caderno são apresentadas importantes considerações sobre a necessidade e a importância de conhecer a história da referida organização sindical, principalmente, a partir dos relatos e depoimentos dos dirigentes e lideranças do próprio movimento.

Este caderno é um documento sobre a história da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. É uma história vivida e narrada por nós. É um documento importante para que os companheiros das fábricas entendam o que é a Oposição, porque ela existe, como participou do movimento durante todos estes anos e porque precisamos continuar lutando para que ela cresça e fique forte. [...] Este caderno que estamos apresentando é um documento vivo que narra as nossas vitórias e derrotas, algumas lições aprendidas durante estes anos de opressão. Cremos que poderá contribuir para que a gente repense o nosso movimento. É uma ferramenta de discussão para ser utilizada nas conversas com companheiros em porta de fábrica, nos grupos e Comissões de Fábrica, nos bairros, etc., enfim, em todos os lugares onde estiverem nossos companheiros de classe. (OPOSIÇÃO, 1982b, p.4/6).

Sob o título *Cala boca, peão*, o quinto caderno da série *Cadernos do Trabalhador*, publicado no ano de 1983, abordou o tema da repressão nas fábricas, questão extremamente importante na realidade da classe trabalhadora, em especial, em tempos de ditadura e de repressão. De acordo com os organizadores do caderno, as formas de opressão do capital no cotidiano do chão das fábricas e também contra as lutas operárias era uma temática pouco explorada no movimento sindical e popular.

Como resposta a essa situação, os trabalhadores procuravam enfrentar as formas de autoritarismo, de hierarquia e de controle impostas nos locais de trabalho e no

⁶ O IIEP - Intercâmbio, Informação, Estudos e Pesquisas desenvolveu o projeto “Oposição Sindical Projeto Memória” e reuniu um grande acervo de documentos e depoimentos sobre a história da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP). Toda essa documentação pode ser conferida no site <https://www.facebook.com/memoria.osm.iiep/>.

interior das fábricas, acumulando importantes experiências de resistência e de . Nesse sentido, esse caderno da série pretendia servir como instrumento pedagógico para ajudar na discussão da questão da repressão nas fábricas, bem como proporcionar a socialização de algumas formas de resistência desenvolvidas por coletivos de trabalhadores nos locais de trabalho.

Por fim, apresentamos o sexto e último caderno da série *Cadernos do Trabalhador*. Publicado em outubro de 1984 sob o título *A tomada de Pial*, o caderno teve 56 páginas e apresentou relatos da greve de ocupação ocorrida em meados do mês de agosto de 1984 na empresa Pial-Legrand ⁷, quando centenas de trabalhadores paralisaram suas atividades fabris por oito dias.

A partir de entrevistas realizadas com aproximadamente 20 trabalhadores que participaram da greve e também utilizando material de avaliação produzido por alguns membros do comando de greve, o caderno, além de apresentar uma cronologia da greve, também abordou questões muito específicas daquela experiência, como a natureza de uma greve de ocupação de fábrica, a participação decisiva das mulheres no movimento grevista e o fato de ter sido uma greve deflagrada pelos próprios trabalhadores sem contar com a participação do sindicato na condução das negociações.

Na introdução do caderno, os trabalhadores da Pial que participaram ativamente de sua produção afirmaram se que tratava de “um relato de uma luta vivida”. Reforçaram, ainda, a importância de registrar tais experiências e as contribuições que uma produção comunicativa como aquela poderia proporcionar:

Todas as nossas lutas têm que ser registradas. Essa greve, por exemplo, trouxe muitos ensinamentos que devem ser transmitidos para toda classe operária. Esse caderno é uma tentativa de manter viva essa memória e principalmente, contar a luta das companheiras que se destacaram nessa greve, colocando por terra a idéia de que as mulheres têm medo e não reagem diante da exploração. Aqui tem diversas páginas que explicam como se desenvolvem os trabalhadores para a tomada de uma fábrica. Esperamos que todos os companheiros leiam e discutam os pontos principais da luta e vejam como se enfrenta os patrões. (TRABALHADORES DA PIAL, 1984, p.7-8).

Certamente, a organização da série *Cadernos do Trabalhador* representou uma das experiências mais significativas em termos de produção de história oral

⁷ Empresa multinacional francesa localizada à época no bairro de Santo Amaro na cidade de São Paulo.

desenvolvida pelo Grupo de Educação Popular do Urplan, contribuindo de modo decisivo para a construção da memória das lutas populares no Brasil; porém, a sua contribuição nessa área não ficou só nessa série. De posse de tantos registros e depoimentos de organizações, de militantes e de trabalhadores de modo geral a respeito de suas lutas e vivências, o GEP-Urplan levou adiante outra iniciativa, que foi a publicação da revista *Que história é essa?*, que passaremos a apresentar a seguir.

Que história é essa?: vivências e narrativas a serviço da formação política

Diante do acúmulo de tantas histórias vividas e narradas por homens e mulheres pertencentes à classe trabalhadora, no contexto de múltiplas e diversificadas lutas populares, particularmente, no período da abertura política no Brasil, o GEP-Urplan não se conteve em publicá-las apenas na série *Cadernos do Trabalhador*. Com o propósito de aproveitar ao máximo o rico material de que dispunha, idealizou e produziu a revista *Que história é essa?*. Apesar de ter sido produzido apenas três edições (figura 2) foi, certamente, mais uma contribuição inestimável para a produção da história e da memória das lutas populares e de seus protagonistas.

Figura 2 - Que história é essa?



Fonte: Acervo do autor.

O GEP-Urplan elegeu os “Conselhos Populares” como tema para a primeira edição da revista *Que história é essa?*. Não conseguimos precisar a data de seu

lançamento, mas pelos indícios teria sido em fins de 1983 ou durante o ano de 1984⁸. Tendo como referência a mesma proposta metodológica dos *Cadernos do Trabalhador* - ou seja, apenas promovendo um trabalho de sistematização dos depoimentos, garantindo a palavra aos próprios sujeitos da classe trabalhadora que vivenciaram as respectivas experiências -, a primeira edição da referida revista apresentou a história de formação dos Conselhos Populares de Saúde, do Conselho Popular das Comunidades de Osasco e da Assembleia do Povo de Campinas, além de socializar as posições de diferentes partidos políticos (PT, PDT, PCB, PCdoB e PMDB) sobre o tema em questão.

A segunda edição da revista *Que história é essa?* teve como tema “Escola Viva” e foi publicada em fevereiro de 1985. Como conteúdo, essa edição trouxe a história de vida de um operário metalúrgico que narrou e descreveu o seu aprendizado a partir de suas vivências no campo, na fábrica e nas lutas diárias; o depoimento de duas mulheres da periferia de São Paulo que enfrentaram múltiplas discriminações, mas que desafiaram o poder da dominação masculina, que venceram seus desafios e seus medos e que construíram histórias de luta inspiradoras na busca pela liberdade e pela vida; e a experiência dos monitores de um centro profissional de trabalhadores que contaram a história de uma escola voltada para a formação global dos trabalhadores. No texto inicial, os organizadores apresentaram uma síntese do que o leitor encontraria na revista, articulando com o sentido proposto para o tema da referida edição:

Os três depoimentos selecionados para esta revista mostram como os trabalhadores aprenderam a se valorizar e a recuperar a sua identidade como homem e como mulher, como operário e como camponês; enquanto classe e enquanto construtores de uma sociedade diferente. E essa nova sociedade passa pela elaboração de sua própria educação, de sua própria cultura. Se os trabalhadores têm capacidade de criar riquezas, de se organizar e lutar, também são capazes de elaborar a sua própria visão de mundo, serem artífices de seu próprio saber. (GEP-URPLAN, 1985c, p.5).

Por fim, na terceira edição da revista *Que história é essa?* o protagonismo foi todo das mulheres e teve como tema “Clube de mães e grupos de mulheres de São Paulo”. Essa edição foi publicada em outubro de 1985 e teve como particularidade o fato de ter sido elaborada em conjunto com a equipe Rede Mulher, apresentando resultados de uma pesquisa realizada nas regiões leste e sul da cidade de São Paulo

⁸ Esse número da revista teve uma segunda edição datada de agosto de 1988.

sobre os clubes de mães, concedendo a palavra às mulheres que vivenciaram e testemunharam esses movimentos por dentro, em seus desafios, impasses e conquistas.

Na apresentação, assinada pela Rede Mulher, além de assumir que se tratou de um processo de educação popular, há uma breve explicação sobre a pesquisa que subsidiou o conjunto de depoimentos presentes na edição da revista:

Os depoimentos contidos nesta história foram recolhidos durante a Pesquisa-Avaliação dos Clubes de Mães e Grupos de Mulheres de São Paulo que foi iniciada pela Rede Mulher em novembro de 1983. Foi realizada com a participação de representantes de clubes de mães e grupos das zonas sul e leste de São Paulo, com o objetivo de reconstituir a história desses clubes e grupos e captar a percepção das mulheres envolvidas nessas organizações. (REDE MULHER, 1985b, p.6).

Enfim, além de utilizar fragmentos de relatos e depoimentos que haviam sido produzidos por ocasião da produção dos *Cadernos do Trabalhador*, o GEP-Urplan seguiu realizando outros trabalhos de registros de história oral a respeito de organizações populares ou de histórias de vida de militantes ou ativistas de movimentos sociais para subsidiar a produção da revista *Que história é essa?*. Nesse sentido, reconhecemos como inestimável a contribuição oferecida pelo GEP-Urplan para a construção da história e da memória das lutas populares, em especial, durante o período da abertura política no Brasil.

Considerações finais

As experiências produzidas pelo Grupo de Educação Popular do Urplan, em especial, aquelas que resultaram nas produções comunicativas *Cadernos do Trabalhador* e *Que história é essa?* representaram uma das experiências mais significativas em relação ao desafio de construir a história e a memória das lutas populares no Brasil.

Além de contribuírem para os processos de formação política de trabalhadores e trabalhadoras em suas respectivas lutas sociais, a dinâmica de produção dessas experiências comunicativas valorizou sobremaneira uma metodologia fundamentada nos pressupostos políticos da pedagogia freireana de estímulo às vivências e experiências dos próprios protagonistas das lutas. Pela metodologia de registro das

experiências populares em seu cotidiano de luta, a partir de relatos e depoimentos dos sujeitos da classe trabalhadora, o propósito era garantir a projeção da voz daqueles que são os protagonistas maiores dos processos de transformação social.

Enfim, os *Cadernos do Trabalhador*, editados entre 1980 e 1984, e a revista *Que história é essa?*, publicada entre 1984 e 1985, produções do GEP-Arplan, ofereceram, de modo geral, a reconstituição da luta dos trabalhadores a partir da visão do próprio trabalhador e serviu como instrumento para levantar e promover debates sobre a importância da organização e das lutas dos trabalhadores nas fábricas ou nos bairros, contribuindo para o avanço e o fortalecimento da organização política de base, tanto no contexto do movimento operário e sindical, quando do movimento popular.

Referências

DIAS, Ana; ANDRADE, Cenerino Evangelista de. Prefácio. *In*: GEP-URPLAN. **A força que nasce de nós: a luta nos bairros vista por quem nela participa**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1982a. [Cadernos do Trabalhador, n.3].

GEP-URPLAN. **41 dias de resistência e luta**: uma análise da greve por quem dela participou. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP; ABCD Sociedade Cultural, 1980a. [Cadernos do Trabalhador, n.1].

GEP-URPLAN. **Forjando o aço forjando a luta**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP; ABCD Sociedade Cultural, 1980b. [Cadernos do Trabalhador, n.2].

GEP-URPLAN. **A força que nasce de nós: a luta nos bairros vista por quem nela participa**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1982a. [Cadernos do Trabalhador, n.3].

GEP-URPLAN. **Nas raízes da democracia operária**: a história da oposição sindical metalúrgica de São Paulo. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1982b. [Cadernos do Trabalhador, n.4].

GEP-URPLAN. **Cala a boca, peão**: repressão nas fábricas. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1983. [Cadernos do Trabalhador, n.5].

GEP-URPLAN. **A tomada da Pial**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1984. [Cadernos do Trabalhador, n.6].

GEP-URPLAN. Conselhos populares. **Que história é essa?**. 2.ed. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, n.1, 1988.

GEP-URPLAN. Escola viva. **Que história é essa?**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, n.2, 1985a.

GEP-URPLAN. Clube de mães e grupos de mulheres de São Paulo. **Que história é essa?**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, n.3, 1985b.

GEP-URPLAN. Por que escola viva?. *In*: GEP-URPLAN. Escola viva. **Que história é essa?**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, n.2, 1985c.

LAMOUNIER, Bolívar. **O futuro da abertura**: um debate. São Paulo: Cortez, 1981.

MANFREDI, Silvia Maria. Contribuições freirianas para a organização dos movimentos sindical e popular no Brasil. *In*: MAFRA, Jason; ROMÃO, José Eustáquio; SCOCUGLIA, Afonso Celso; GADOTTI, Moacir (Org.). **Globalização, educação e movimentos sociais**: 40 anos da Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Editora Esfera, 2009, p.139-150.

OPOSIÇÃO Sindical Metalúrgica de São Paulo. Prefácio. *In*: GEP-URPLAN. **Nas raízes da democracia operária**: a história da oposição sindical metalúrgica de São Paulo. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1982b. [Cadernos do Trabalhador, n.4].

PERRUSO, Marco Antonio. **Em busca do “novo”**: intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/80. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

REDE MULHER. Apresentação. *In*: GEP-URPLAN. Clube de mães e grupos de mulheres de São Paulo. **Que história é essa?**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, n.3, 1985b.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALLUM JR., Brasília. Transição política e crise de Estado. **Lua Nova**, n.32, 1994, pp.133-167.

SILVA, Luis Inácio (Lula). Prefácio. *In*: GEP-URPLAN. **41 dias de resistência e luta**: uma análise da greve por quem dela participou. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP; ABCD Sociedade Cultural, 1980a. [Cadernos do Trabalhador, n.1].

STEPAN, Alfred. **Os militares**: da abertura à nova República. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TRABALHADORES DA PIAL. Introdução. *In*: GEP-URPLAN. **A tomada da Pial**. São Paulo: GEP-Urplan/PUC-SP, 1984. [Cadernos do Trabalhador, n.6].